APLAUSO

guia de teatro

ANO II
Nº 11

EXEMPLAR GRATUITO

Coração Brasileiro

De Flávio Marinho, o retrato de uma geração depois do golpe militar de 31 de março de 1964.

● Jornal do Teatro ● Peças em Cartaz ● Gringo Cardia ● Jacqueline Laurence ● Jorge Dória ● Luiz Salém ● Luís Melo ● Gilberto Gawronski

FURNAS

www.furnas.com.br

Visite o nosso site e conheça melhor FURNAS.

A nossa energia também é sua.

www.furnas com.br

FURNAS CENTRAIS ELÉTRICAS SA ELETROBRÁS MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA GOVERNO FEDERAL

Sonho real

Sempre tive vontade de ser atriz. As minhas lembranças mais antigas — terrível adjetivo! — me remetem a uma garotinha do sul da França que queria se parecer com as maravilhosas atrizes do cinema americano. Na mesma época, via muito teatro de bonecos, que também adorava, mas ficava me perguntando por que não era gente de verdade que aparecia no palquinho.

Depois, fui para a escola, aprendi a ler, descobri a magia da palavra, as fábulas de La Fontaine, os textos de teatro com seus maravilhosos personagens e só imaginava minha vida futura no palco interpretando as minhas heroínas prediletas.

Um belo dia, porém, mudei de país e mudei de língua — já estava com dezesseis anos — e o sonho do palco ficou anestesiado por um bom tempo, até o dia em que comecei a ver teatro — o primeiro espetáculo a que assisti no Rio foi *D.Xêpa*, de Pedro Bloch, com Alda Garrido, Glauce Rocha e Milton Moraes. Eu me senti novamente e já então irremediavelmente arrastada de volta ao meu sonho. Matriculei-me na recém-inaugurada Academia de Teatro, dirigida pela extraordinária Dulcina de Moraes, e durante três anos tive o privilégio de ter como professores artistas que eram a nata do teatro: Adolfo Celi, Ziembinski, Henriette Morineu, Maria Clara Machado, Gianni Ratto, a própria Dulcina. Na escola e, mais tarde, no Tablado, aprendi que ser atriz é um oficio que requer energia física e moral, disciplina (muita!) e dedicação absoluta.

LÍVIO CAMPOS

Toda semana, nesses últimos meses, pego um avião e vou para um lugar qualquer deste imenso e maravilhoso país representar *O Crime do Dr. Alvarenga,* de Mauro Rasi. E no palco de qualquer um dos belos teatros em que nos apresentamos, com Paulo Autran, Bel Kutner, Guilherme Piva e Ernani Moraes, exerço a minha profissão com imenso prazer.

Jacqueline Laurence, outubro/novembro de 1999

JORNAL DO TEATRO

Sonho de ator

Walmor Chagas quer construir em sua pousada de Guaratinguetá um teatro ao ar livre com três mil lugares, como os da Grécia antiga, com acústica natural. A pira do fogo eterno do novo teatro já foi acesa pelos atores Ítala Nandi e Helder Caldeira.

CLAUDIA RIBEIRO

Clássico infantil

Montechios e Capuletos são borboletas azuis e amarelas que não podem se misturar, no reino das cores idealizado por Ruth Rocha para o musical infantil *Romeu e Julieta*, no Teatro Cândido Mendes até o dia 19 de dezembro. Contrariando Shakespeare, a autora reserva um final feliz para os amantes – duas borboletas – misturando todas as cores em um jardim de flores. A adaptação é de Enéas Lour. A direção, de Abílio Ramos.

Louras do futebol

Márcia Cabrita, Aloísio de Abreu, Stella Miranda e Luiz Salém estão dando boas risadas enquanto escrevem o texto de "Subversões 3 e meio", espetáculo que estréia até o final do ano no Café do Teatro. Dessa vez, o grupo vai homenagear as Marias Chuteiras, aquelas louras que adoram um jogador de futebol. Até a música *Maria, Maria*, de Milton Nascimento, já ganhou uma versão com o nome de *Maria Chuteira*.

Falha Nossa

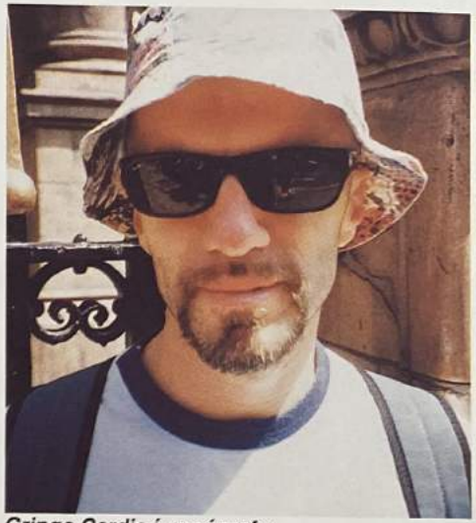
Por erro da redação, saíram sem o crédito dos fotógrafos as fotos da seção Spot das edições 9 e 10 da Aplauso. As fotos da edição 9 são de Armando Araújo e Cristina Granato. Da edição 10, de Armando Araújo.

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tel/Fax: (021)511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Rubens Tonelli (arte), Maria Lúcia Rangel e Dalila Magarian (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Artcor. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: Beti Niemeyer.

PALAVRA DE CENÓGRAFO

Gringo Cardia

O teatro é visceral

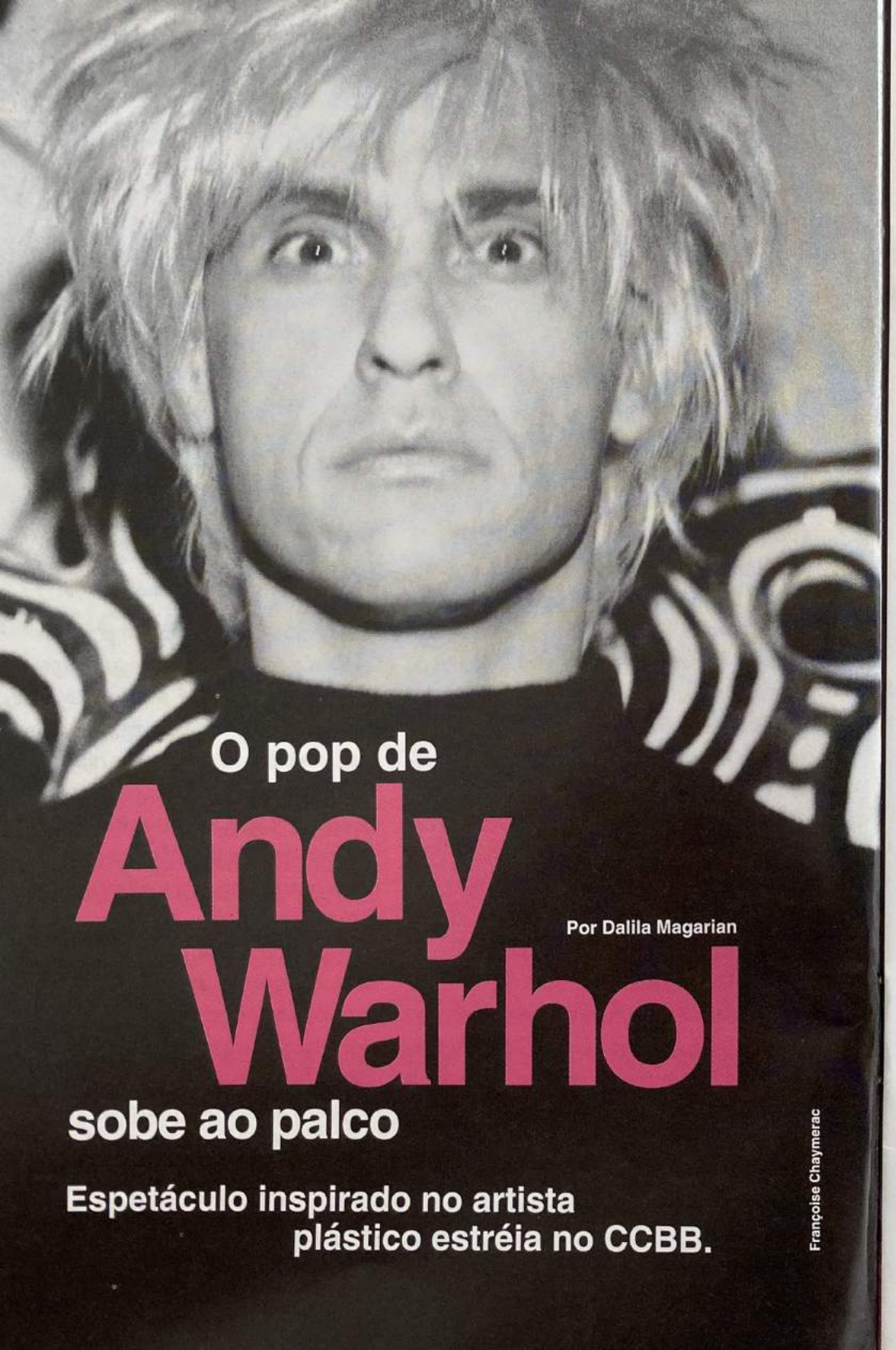


***Gringo Cardia* é cenógrafo, diretor de arte e programador visual.**

"Sou um apaixonado pelas artes plásticas desde criança, sempre gostei de pintar e desenhar. Me formei em arquitetura em 1981. Coisa do destino: meu primeiro trabalho como arquiteto foi construir o teatro Abel, em Niterói. Atualmente, trabalhando como cenógrafo, diretor de arte e programador visual, exerço a minha vocação em diversos meios — são mais de 40 peças de teatro, uma centena de shows e quase 40 videoclipes ao longo da carreira. Para mim, porém, o teatro continua sendo o laboratório principal de todas as artes. É ótimo fazer experiências no palco. O teatro é mais visceral. O exercício que se faz para contar uma história é emocionante. Todos numa equipe usam a criatividade e dão o melhor de si para transmitir o recado.

Mas para que o teatro deixe de ser apenas uma leitura e passe a ser um espetáculo, é fundamental a existência de uma concepção visual. Alguns diretores, como Gabriel Villela e Gerald Thomas, já possuem linguagem própria. Outras vezes, é o cenógrafo quem faz este trabalho — é quem decide a forma como o espetáculo será apresentado. É o diretor visual quem pensa nas texturas, nas cores, nos elementos do palco. O que vai ser visto é imaginado primeiro por ele.

Para quem pretende seguir a profissão, minha mensagem é a seguinte: trabalhe muito, pegue a vassoura na mão e saia limpando o palco se for preciso, rale para valer. Nesta área, escolher o caminho mais fácil é bobagem. Um dia, mais para a frente, a gente descobre que justamente as experiências ruins nos ajudaram a melhorar e a crescer. Isto se chama vivência. Penso que o principal papel do artista, qualquer que seja a sua área, é o de tentar abrir os olhos das pessoas, derrubando preconceitos e diminuindo as diferenças sociais. É preciso abraçar uma causa. Para isto, vale arriscar, blefar, ter cara de pau, trabalhar de graça para quem se gosta e por dinheiro para quem não gosta— o importante é estar por perto daquilo que a gente acha legal. E, sobretudo, acreditar na palavra perserverança.



O pop de Andy Warhol sobe ao palco

Por Dalila Magarian

Espetáculo inspirado no artista plástico estréia no CCBB.

Françoise Chaymerac

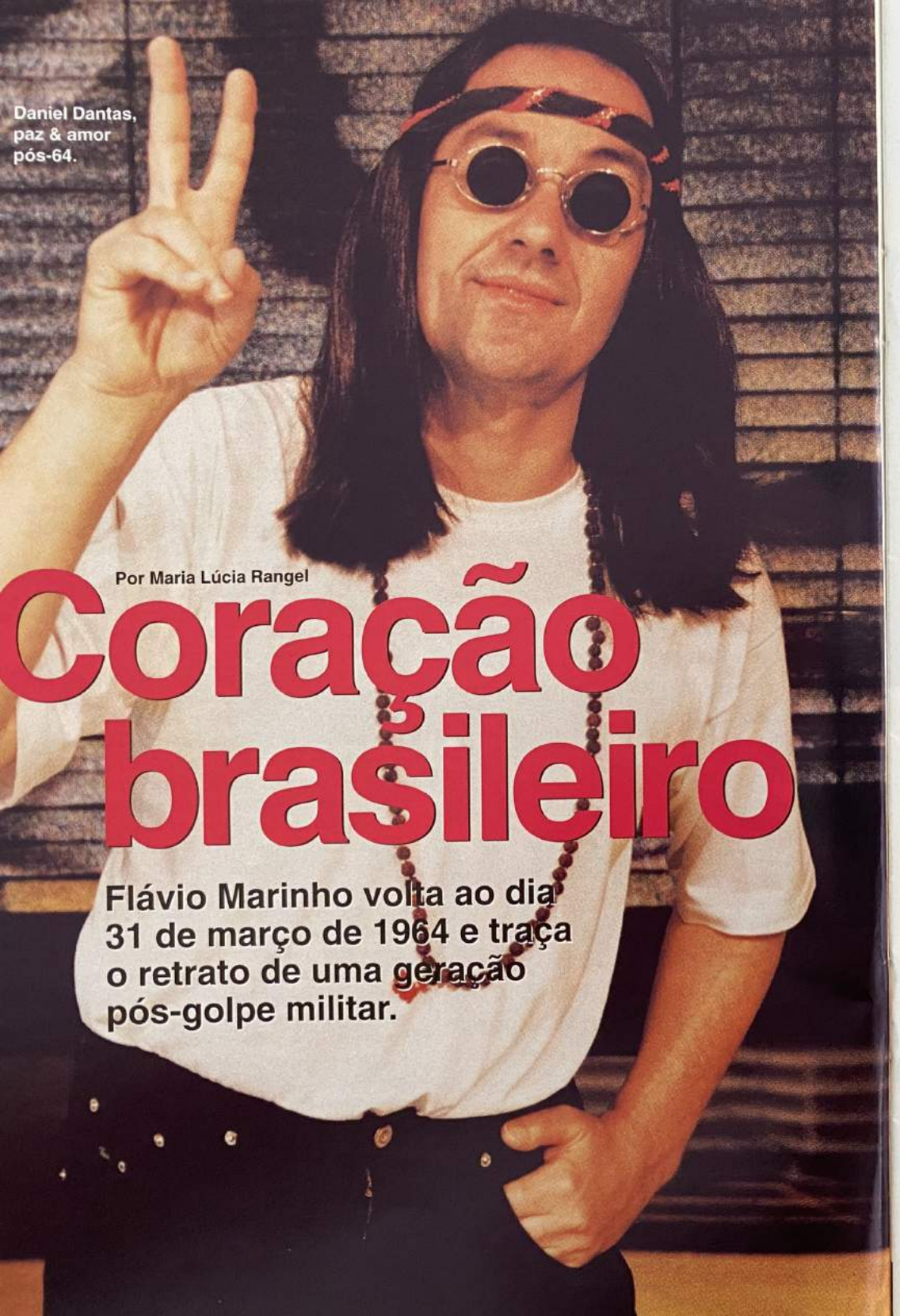
Para quem tem pressa de saber o que é *Pop*, um aviso: o diretor, Gilberto Gawronski, diz que basta recordar as aulas de arte que todo mundo teve na escola primária para descobrir e identificar-se de imediato com o espetáculo. "*Pop* fala de uma trajetória de formação artística com a qual todo mundo vai se reconhecer. Será um grande happening para traduzir ao público a idéia do mundo pop." E, já que o assunto é esse, ninguém serviria melhor como fonte de inspiração do que o artista plástico Andy Warhol, autor da célebre frase: "No futuro, todo mundo será famoso por 15 minutos".

No caso de Gawronski, a fama só tem se multiplicado, e ele espera que o espetáculo não seja visto como uma biografia de Warhol, mas como uma performance onde as idéias e citações do artista transportam o público ao conceito de sua obra. "Quero transformar o teatro num grande auditório e fazer um show movimentado, nada de teatro careta", diz o diretor, que interpretará o próprio Andy na função de mestre de cerimônias.

Junto com Gawronski, no palco do CCBB a partir do dia 4 de novembro, estarão Tavinho Teixeira (visto recentemente no recital poético *Deus Somos Nós*, no teatro Rubens Corrêa) e a atriz Maria Maia. O diretor-ator, que tem se desdobrado em projetos paralelos, como a montagem da peça *Serviço de Quarto*, de Harold Pinter (em cartaz no teatro Cândido Mendes), e no lançamento do média-metragem *A Dama da Noite*, também acaba de ganhar o Prêmio Especial de Interpretação da Jornada de Cinema da Bahia. Mas não esconde que, a partir de agora, devidamente trajado no estilo Warhol — incluindo a peruca prateada que o artista costumava usar diariamente — suas atenções encontram-se completamente voltadas para *Pop*. "Este é um projeto antigo que tornou-se oportuno com a exposição simultânea da obra do artista no CCBB. Achei legal associar o trabalho às comemorações dos 10 anos do Centro Cultural e ter a oportunidade de mostrar que popularizar não significa vulgarizar." ❖

Quem foi Andy Warhol

Filho de tchecos, Andrew Warhola nasceu em Pittsburgh, no Estado da Pennsylvania (EUA). O pai, mineiro de carvão, morreu cedo, deixando a família na miséria. Depois de conseguir se formar no curso de desenho do Carnegie Institute of Technology, o artista transferiu-se para Nova York, onde conseguiu emprego na revista Glamour. Ganhou fama como artista plástico e seus retrados de personalidades famosas, como Elvis Presley e Marilyn Monroe, ficaram bastante conhecidos. Entre suas obras mais famosas estão ainda as latas de sopa Campbell's.
O artista também produziu uma série de treze filmes em 16mm e seu estúdio, na rua 47, acabou conhecido como The Factory (A Fábrica), lugar que virou alvo de fofocas por causa das orgias promovidas pelo proprietário. De cabelos finos e ralos, em 1963 ele trocou a peruca cinza que sempre usou por uma de tonalidade prateada. Anos antes, havia se submetido à uma cirurgia plástica para alterar o formato do nariz.
Foi em 1969 que Andy Warhol fundou a revista Interview. Três anos depois, recomeçaria a pintar, produzindo de 50 a 100 retratos por ano. Em 1972, depois de expor em Milão suas *Últimas Ceias*, o artista não resistiu à uma cirurgia da visícula biliar. Além do espetáculo teatral *Pop*, que permanece durante cinco semanas em cartaz, quem desejar conhecer mais de perto a obra deste artista de múltiplas facetas deve visitar a exposição que ocupa sete salas do CCBB.



Daniel Dantas, paz & amor pós-64.

Por Maria Lúcia Rangel

Coração brasileiro

Flávio Marinho volta ao dia 31 de março de 1964 e traça o retrato de uma geração pós-golpe militar.

Coração Brasileiro, a nova peça de Flávio Marinho, também dirigida por ele e que estreou no Teatro Vannucci, começa com os quatro heróis da história no pátio da escola, quando uma voz no alto-falante interrompe as brincadeiras para anunciar que não haveria aula naquele dia. A reação das crianças é de alegria total, já que voltarão para casa. Chegando lá, ficam sabendo o que havia acontecido: era o dia 31 de março de 1964 e o golpe militar estava começando. Jonas, interpretado por Daniel Dantas e fio condutor da peça, ouve a versão dos pais, totalmente opostas. Os outros colegas, que também sabem do acontecimento em suas casas, são vividos por Cristina Pereira, Luiz Carlos Tourinho e Bia Nunes. É o retrato da geração do próprio autor, hoje entre 40 e 45 anos.

Esta é a segunda peça que você escreve contando a história do Brasil do ponto de vista de sua geração. A primeira foi *Salve Amizade*. Tem um pouco de você em todos os personagens?

Flávio Marinho: Tem um pouco de mim nos personagens e tem o meu ponto de vista da história do Brasil nesses 35 anos: os problemas que minha geração enfrentou em relação ao primeiro cigarro, ao primeiro beijo, à primeira transa. Enfim, todas as aventuras pelas quais passamos. E também gosto de escrever sobre o que conheço, sobre coisas que experimentei. Saem com mais verdade e garanto uma melhor comunicação com o público. O relato não fica falso.

FOTOS: BETI NIEMEYER

Você está sempre de olhos abertos para o que acontece ao redor?

F.M.: Acho que pela minha formação jornalística, estou sempre atento. Leio quatro jornais por dia, a informação está entranhada. Meus melhores amigos são jornalistas e sinto muitas saudades do clima de redação. Esta é a minha peça mais jornalística. Inclusive nas laterais do cenário aparecem as notícias das primeiras páginas dos jornais.

Aparecem como? Em vídeo?

F.M.: Não, nada em vídeo. O cenário é composto por 23 persianas comandadas por controle remoto. Quando determinado acontecimento é lembrado, aparece o jornal com a notícia.

O trabalho de pesquisa foi muito grande?

F.M.: Levei seis meses pesquisando, embora tenha vivido muito do que está

Flávio Marinho, autor e diretor.

Luiz Carlos Tourinho, Bia Nunes, Daniel Dantas e Cristina Pereira.

no palco. Tem pesquisa de moda, modismos, música, gíria. A trilha sonora conta um pouco da história do Brasil. Tem desde Trio Esperança até Zeca Baleiro.

A idéia de Coração Brasileiro surgiu logo depois de *Salve Amizade*?

F.M.: Sim, senti necessidade de aprofundar. Em *Salve Amizade* as pessoas gostavam quando se falava de compacto duplo, festivais da canção, discursos políticos em palanques universitários. Senti que poderia usar tudo isso numa próxima peça. E aprofundei mesmo. Comecei a estudar, a levantar todos os planos econômicos, as reviravoltas políticas, tudo. Acho que as pessoas estão precisando dar uma exorcizada neste final de milênio. Foi muita coisa em muito pouco tempo nesses 35 anos para a gente simplesmente virar a página. É como passar a limpo essa história toda.

Como é dirigir seu próprio texto? Como você recebe a contribuição dos atores?

F.M.: Muito bem. Pelo que observo por aí, acho que sou um dos autores mais abertos em relação a mexer no texto. Gosto de um bom caco. Claro que quando a mudança vai afetar algum sentido eu não deixo. Nesta peça é preciso tomar cuidado com as palavras, porque nos anos 60, por exemplo, não se usava a palavra chato. Era uma palavra feia.

Você é apaixonado por música. Usou muitas na peça?

F.M.: Às vezes eu não tenho nem o texto da peça escrito mas já tenho a música-tema. Já vejo uma cena com a melodia, o tema de determinado personagem... É normal uma música me estimular a escrever uma cena e, às vezes, a peça inteira. É como se fosse uma trilha sonora de cinema. Usei a trilha meio que costurando a ação e meio contando a história da música popular brasileira. Mas elas não são elementos decorativos. Têm uma função dramática. Funcionam para complementar ou sublinhar o estado de espírito de cada um dos personagens e dar uma informação a mais.

E a televisão entra na história?

F.M.: Tem uma televisão em cena. Afinal, é a geração da TV. Os personagens vêem muito televisão e, quando não estão vendo, falam sobre ela. Mas meus recursos são teatrais. Não usei vídeo ou telão. Consegui jingles de época, trilha sonora do programa *Times Square*, coisas raríssimas do Trio Esperança e do início da carreira de Rita Lee. Foi um trabalho bem bacana nessa área.

Os figurinos são de época?

F.M.: Não são nada realistas. São figurinos para teatro. Roupas retrabalhadas através de pinturas que têm a ver com o perfil psicológico do personagem ou o momento político-social vivido na peça. Conseguimos o apoio cultural da Werner Tecidos, que nos cedeu 100 metros de seda pura, pintados pelo Celestino Sobral e criados por Cica.

Suas peças são muito cinematográficas. Você já pensou em adaptá-las para o cinema, outra de suas paixões?

F.M.: Todo mundo fala isso. *Coração Brasileiro* fala em corte, fusão, só falta falar em travelling. Tem uma atriz que leu e comentou que daria uma minissérie. Pensar em levá-las para o cinema até pensei, porque cinema é o que mais amo na vida. Foi o cinema que me levou para o teatro. Foi descobrindo certos filmes baseados em peças teatrais que me interessei pelo teatro. Mas já é tão difícil montar teatro no Brasil, é tão artesanal, que as minhas energias ficam totalmente esgotadas. Não tenho força nem saúde mental e física para enfrentar o cinema. ❖

Uma década para o futuro

Ao completar seu décimo aniversário, o Centro Cultural Banco do Brasil abre caminho para o ano 2000 deixando uma história de sucessos.

Por Dalila Magarian.

Tudo começou num prédio construído para multiplicar investimentos financeiros. Hoje, a maior riqueza abrigada no edifício de linhas neoclássicas, localizado no número 66 da Rua Primeiro de Março, é a cultura. Ao completar dez anos de fundação, o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) permanece como um dos mais importantes cenários artísticos do país, uma espécie de oásis onde mais de 12 mil pessoas a cada mês têm acesso a espetáculos teatrais, exposições, seminários, rodas de leitura. O lucro do investimento: 14.000.000 de satisfeitos visitantes, além de reconhecimento mundial.

Modelado pela cultura, o prédio construído em 1880 e inaugurado como sede da Associação Comercial em 1906 transformou-se, às vésperas do ano 2000, em pólo multimídia e num concorrido fórum de debates. "Nossa missão é a de contribuir para o desenvolvimento cultural da sociedade brasileira. Temos orgulho de tornar os cidadãos cada vez mais dignos, mais indagadores. Queremos que os eventos criem cidadãos melhores para o país do futuro", afirma Walter Vasconcelos, que há três meses assumiu a presidência do Centro.

A presidência está apostando em diversas iniciativas — entre elas, a criação de um site para que todos os internautas tenham acesso aos principais eventos em tempo real. Há também o investimento na programação especial comemorativa dos 500 anos do Brasil.

Seleção de Sucessos

Com uma arquitetura requintada, o *foyer* é a marca registrada do CCBB. Suas colunatas atraem os olhos dos visitantes para a imensa cúpula construída a 40 metros do chão, enquanto as escadarias dão acesso ao Teatro I, palco de inúmeros espetáculos. Com mais de 180 lugares, o espaço sempre esteve aberto a todo tipo de experiência cênica. Foi ali, por exemplo, que a diretora Bia Lessa montou uma floresta inteira (com direito a lago e tudo o mais), para a encenação da peça *Cartas Portuguesas*. Nos últimos anos, foram vários os atores, diretores, autores e músicos que passaram pelos palcos de um dos teatros do CCBB.

Francisco, com texto de Tiago Santiago e direção de Márcio Aurélio, levou para a cena do Teatro I o pensamento de São Francisco de Assis, "mais que um ideal, um espírito, um modo de ser", segundo as palavras de Leonardo Boff. Já em *O Mercador de Veneza*, Shakespeare foi visto pelo olhar inquieto e criativo do diretor Amir Haddad, auxiliado pela dramaturgia do professor Paul Heritage, da Universidade de Manchester.

Foram várias as peças que tiveram lotação esgotada em todas as apresentações. Entre elas, *Um Equilíbrio Delicado* (em 1999, com Tônia Carrero e Walmor Chagas em texto de Albee) e *Noite de Reis* (em 1997, montagem que levou a atriz Cláudia Abreu a receber o prêmio de melhor atriz na terceira edição do Prêmio Cultura Artística de Teatro). Considerada a mais bem sucedida peça de Nelson Rodrigues, *Boca de Ouro* subiu ao palco em julho de 1997, com direção de Marco Antônio Brás. ❖

Para todos os gostos

Sessões de vídeo, empréstimos de livros, exposições de obras valiosas de artistas plásticos... o CCBB oferece arte e cultura para todos os gostos. Na biblioteca, destacam-se os 39 volumes da "Encyclopédie" editada por Diderot e D'Alembert em 1778, e as obras completas editadas pela Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, com gravuras originais de Portinari, Djanira e Di Cavalcanti. A mostra permanente Brasil Através da Moeda costuma ser visitada por mais de 20 mil pessoas a cada mês.

O CCBB permanece aberto de terça a domingo, das 12h as 20h. A entrada é franca para exposições, biblioteca, museu e arquivo histórico. As senhas para as sessões gratuitas de vídeo começam a ser distribuídas com 30 minutos de antecedência. Há visitas guiadas em português e inglês para escolas, associações e grupos em geral, que precisam ser agendadas pelo telefone. Um restaurante e um salão de chá funcionam de terça a domingo, assim como a loja responsável pela venda de livros, catálogos, postais e cartazes dos eventos realizados.

Nijinsky
divino bufão

O primeiro mito masculino do balé contemporâneo conta a sua vida em monólogo.

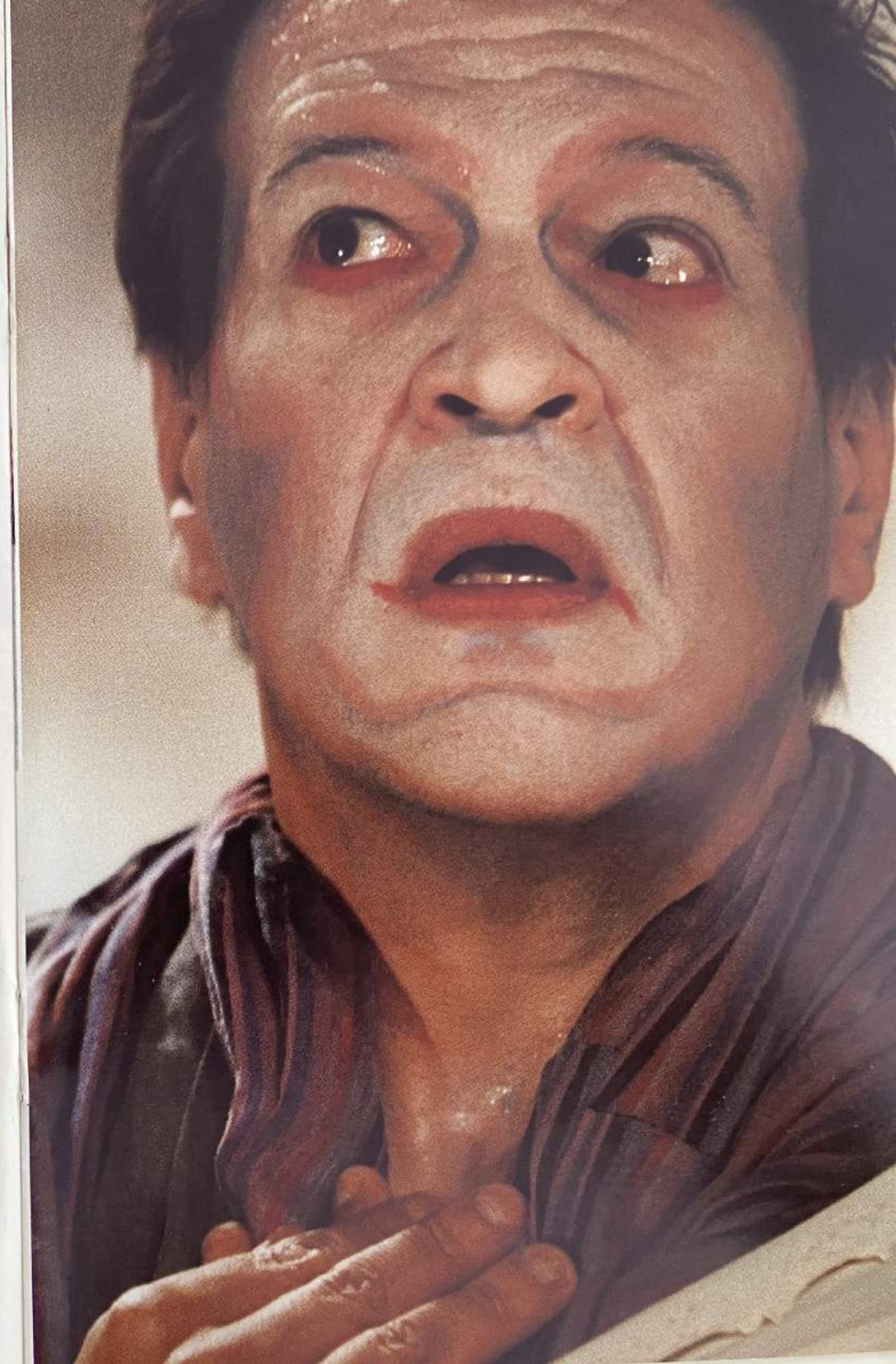
Por Maria Lúcia Rangel

Luís Melo passou alguns meses ensaiando de malha e sapatilha, esforçando-se para captar algo da técnica e da criatividade que tornaram Nijinsky um dos gênios da dança neste século. Conseguiu. E dedicou o monólogo que estreou na Casa de Cultura Laura Alvim "a todos os *outsiders*, uma permanente fonte de inspiração". O projeto de pesquisa para encenação de *Nijinsky - Divino Bufão*, espetáculo de Teatro-Dança, foi desenvolvido a partir da livre adaptação dos Cadernos escritos pelo próprio bailarino, recentemente lançados na França. A bailarina e professora de dança Rossella Terranova divide a direção com Cláudia Schapira, que também assina o roteiro e a livre adaptação.

"O que me seduziu neste projeto foi a possibilidade de falar sobre os momentos que precederam a última dança de Nijinsky, *A Dança da Vida e da Morte*", diz Rossella. Logo depois ele se calou. O desafio é procurar descobrir e realçar, no monólogo, os conflitos do homem que se esconde entre e dentro do artista e do mito.

Vaslav Nijinsky nasceu na Rússia, em 1889, e teve uma carreira meteórica. Sua técnica e novos conceitos coreográficos chocaram o mundo do balé no início do século. Foi o primeiro bailarino moderno do sexo masculino. Mas teve carreira curta. Aos 29 anos, começou a apresentar sintomas de uma doença mental e foi afastado do palco. Morreu aos 60 anos, 30 deles dominado pela doença.

"Nosso ponto de partida foram as palavras de seu diário, o material de análise médica sobre sua doença, o depoimento de sua mulher Rômola e de amigos, e principalmente o que se escondia nas entrelinhas desses registros. Assim foi possível traçar o perfil desde criador voraz", diz Cláudia Chapira. O espetáculo é o retrato deste homem frente a uma situação limite: ele precisava anotar suas impressões...Depois, poderia entregar-se à loucura e à morte. ❖



CHICO LIMA

O avarento

Jorge Dória veste a pele de Herpagão, no clássico de Molière. O resultado? Muitas gargalhadas e uma boa dose de reflexão.

Por Maria Lúcia Rangel

Para Jorge Dória, fazer teatro toda noite é como fazer sexo. Mudou a platéia, mudou a mulher. Volta agora ao seu habitat preferido, o palco, à frente de um elenco de 12 atores, no papel-título de uma das peças mais populares de Molière, *O Avarento*, no Teatro Leblon.

Dória é naturalmente engraçado. Já matou de rir — literalmente — um espectador quando encenou a primeira versão de *A Gaiola das Loucas*. O senhor de idade, sentado em uma das primeiras filas, começou a rir, rir, levantou-se dizendo estar passando mal e ainda ouviu uma piada do ator. Saiu carregado, mas não resistiu. O diagnóstico de Jorge Dória é curto: "Melhor morte não existe". De formação militar, admite ter escapado de ser um general engraçado porque entrou para o teatro. Não faria guerra, mas faria rir. E é com esta disposição que entra na pele do avarento Harpagão, um homem que é contra o amor e a juventude.

Além de engraçado, é um texto crítico. E, por ser clássico, é atualíssimo.

"Para mim, foi um convite maravilhoso fazer a peça. É importante para um ator como eu, que está na Globo fazendo papéis com a finalidade única de entreter, poder interpretar um Molière. Acho que o convite veio justamente por causa de outro Molière que fiz há cinco anos, *Escola de Mulheres*, um sucesso que ficou quatro anos em cartaz."

A história de Herpagão foi montada pela última vez no Rio por Procópio Ferreira. Poderoso, o velho avarento quer casar a filha com Anselmo, um senhor rico que vai lhe garantir boa vida, mesmo sabendo que ela está apaixonada pelo jovem Valério. Para o outro filho, Cleanto, Harpagão arranja um casamento com uma rica senhora. Cleanto, no entanto, é apaixonado pela jovem Mariana. E a confusão está formada.

"É incrível constatar que o que acontecia no século 17 é um pouco do que acontece hoje. A corrida atrás do dinheiro que ninguém tem. O texto tem resistido a todos esses anos pela facilidade com que Molière diz o que queria que fosse interpretado. Assim, não é difícil ser o avarento", conta Dória.

A tradução e direção são de João Bethencourt. José Dias assina os cenários. Os figurinos são de Ney Madeira. ❖

Serviço de quarto

Por Maria Lúcia Rangel

Mário Gomes, que volta ao palco depois de 20 anos, e Luiz Salém são os dois matadores da peça de Pinter. Uma discussão sobre poder e competição.

No palco do teatro Cândido Mendes, Mário Gomes e Luiz Salém são Ben e Gus, dois homens que recebem ordens, cumprindo-as até o limite do absurdo. *Serviço de Quarto*, escrita pelo dramaturgo inglês Harold Pinter em 1957, é a versão obscura sobre a competitividade do mundo capitalista, em que o indivíduo vai criando seus próprios valores e códigos de sobrevivência, dentro de uma atmosfera onde a sensação de ameaça é constante.

O diretor Gilberto Grawronski traz de volta ao teatro, depois de 20 anos, o ator Mário Gomes, nos últimos tempos trabalhando só em televisão.

"Pensei no Mário ao compará-lo ao John Travolta de *Pulp Fiction*, do Tarantino", diz Gawronski. "Talvez até porque ache que o Tarantino tem influências do Pinter em seus roteiros. E no meu universo de adolescente, o ídolo era Mário Gomes: astro de novelas, cantor, assim como Travolta em *Saturday Night Fever*. Quanto ao Salém, trabalhamos juntos em três montagens no Centro Cultural Banco do Brasil. Tem uma veia cômica e geralmente é aproveitado num único estereótipo, mas é interessante ver que o Salém também pode ser um matador."

A história dos dois matadores num quarto de hotel, aguardando uma ordem que terão que executar, foi apresentada a Gawronski por Amir Harif, tradutor da peça. Amir achava que faltava um Pinter no currículo do diretor. "E realmente o texto mexeu comigo", reconhece. "Se eu me identifico e, de alguma forma, isto melhora um pouco minha conduta, acho que também pode melhorar alguma coisa de alguém que for assistir." ❖

GUS/SALÉM

Gus, o personagem de Luiz Salém é um assassino como seu companheiro, só que mais frágil, mais questionador e inquieto. Sabe menos e desconfia mais. Segundo Salém, é um papel que fica entre o drama e a comédia, privilegiando o nonsense.
"Sempre trabalhei mais com comédia e fiquei conhecido como comediante", diz o ator. "Agora, pela primeira vez, faço um trabalho em que existiu a elaboração do personagem. Foi o que mais gostei: ter que pensar. Sou de uma escola de humor que aprendeu a tirar

graça daquilo que a gente conhecia bem. O texto do Pinter me possibilitou, ainda, trabalhar com o humor inglês, diferente daquele universo carioca com o qual estou acostumado."

BEN/GOMES

Além do texto de Harold Pinter, pesou muito para a volta de Mário Gomes ao teatro a dupla que está formando com Luiz Salém. "Apesar de minha primeira peça ter sido uma comédia, *O Peru*, dirigida pelo José Renato, meu modelo era o Tarcísio Meira. Havia uma predisposição por parte das pessoas de me verem como galã. Mas se eu pudesse ser um

David Niven, que só faz cinema de humor, adoraria. Apesar de achar legal fazer o Ben. Me interessou falar sobre a competitividade destrutiva que rola em todos os segmentos da sociedade."

EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

A Bofetada

Textos de Mauro Rasi, Miguel Magno e Ricardo Almeida adaptados pela Cia. Baiana de Patifaria que também encena o espetáculo. A direção é de Fernando Guerreiro. **Sala Marília Pêra do Teatro do Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 294-0347. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

A Família é Tudo

Com humor e emoção, uma família se reúne para a festa de 80 anos de seu patriarca. Produção: Grupo Fratelli de Teatro. Direção e texto: Fernarndo Berto. No elenco: Beth Schmitz, Rita Waehneldt, Marta Rosa, Wadoo Leal, Alexandre Giorgi. **Espaço Cultural dos Correios** (Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro). Fone: 503-8770. De quinta a domingo, 19h. R$ 10. Até 28/11.

A Inquisição de Maria

Resgate da visita da Santa Inquisição ao Brasil, sob o ponto de vista de Maria Madalena. Texto e direção de Alberto Magno. No elenco, Zaira Zambelli. **Espaço II do Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 446, Copacabana). Fone: 275-6695. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$10.

A.M.I.G.A.S

Grupo de mulheres interessadas em gargalhadas, amor e sexo. Texto de Duda Ribeiro. Direção de Cristina Pereira. No elenco, Luana Piovani, Fernanda Rodrigues, Mary Sheila, Bebel Lobo e Ernesto Piccolo. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

A Tempestade

Vicente Maiolino dirige a peça de Shakespeare, encenada por Alexandra Santini, Daniel Schenker, Dila Guerra. **Teatro Sesc Copacabana** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 548-1088. Quarta e quinta, 21h. R$12.

Adorável Hamlet

Releitura da obra de William Shakespeare em que o personagem principal pula de andaimes, come melancia e entra em combate com cabos de vassoura. Direção de Dinho Valladares. No elenco: Roberto Frota, Bia Junqueira, Sebastião Lemos, Letícia Hees, Deo Garcês, Nil Neves e mais 15 atores. **Teatro Nelson Rodrigues -Conjunto Cultural da Caixa,** (Av. Chile, 230). Fone: 262-0942. De quinta a domingo, 20h. R$ 8.

As Guerreiras do Amor

Domingos de Oliveira assina a adaptação da comédia grega *Lisístrata* de Aristófanes, que é dirigida por Jayme Periard. No elenco, Paula Burlamaqui, Oberdan Jr., Mônica Martelli. **Teatro Sesc-Copacabana** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 548-1088. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$15.

As Noviças Rebeldes

Comédia de Dan Goggun ambientada em um convento nada tradicional. Direção de Wolf Maya. No elenco, Totia Meirelles e Regina Resteliê. **Teatro Miguel Falabella** (NorteShopping, Av. Suburbana, 5.474, Del Castilho). Fone: 595-8245. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 10 (qui. e sex.) e R$ 15 (sáb. e dom.).

Até que as Sogras nos Separem

Duas sogras divertidas azucrinam a vida de um jovem casal. Com Berta Loran, Moacyr Góes, Telma Relston e Malu Bailo. **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Barra Square). Fone: 325-1645. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15(qui), R$ 20 (sex. e dom.) e R$ 25 (sáb.). Até 30/11.

Bodas de Sangue

Conflito entre casal que luta contra a força de uma paixão. De Federico García Lorca. Direção de Denise Telles. No elenco, César Lignelli, Denise Telles, Solange Caldeira. **Teatro Rubens Corrêa** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 523-9794. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui., sex. e dom.) e R$20 (sáb.).

Calingualá

Esquetes sobre o cotidiano. Direção de Ivan de Albuquerque. No elenco, Leyla Ribeiro, Gabriel Gracindo. **Teatro Rubens Corrêa** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 523-9794. Sexta e sábado, meia-noite. R$15.

Carmem

Espetáculo a partir da obra de Bizet e transformado em 'sambópera'. Adaptação de Augusto Boal, Celso Branco e Marcos Leite. Direção de Boal. No elenco, Ana Borges, Raul Serrador. **Teatro Ginástico** (Rua Graça Aranha, 187, Centro). Fone: 220-8394. De quinta a domingo, 19h30. R$ 15.

Cartas de Rodez

O monólogo de Sthepane Brodt relata as cartas que o dramaturgo francês Antonin Artaud escreveu do Asilo de Rodez ao médico Gaston Ferdiére. Direção de Ana Teixeira. **Teatro do Instituto Benjamin Constant** (Av. Pasteur, 350, Urca). Fone: 543-4111. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15. Às quintas, o espetáculo é feito com as luzes apagadas.

Coração Brasileiro

Trajetória de personagens de 1964 até os dias atuais. Texto e direção de Flávio Marinho. No elenco, Daniel Dantas, Luiz Carlos Tourinho, Cristina Pereira e Bia Nunes. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 239-8545. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.). Estréia 22 de outubro.

PEÇA EM TRÊS ATOS: LIGA A TV, SENTA E ASSIS
TE MULTISHOW NEWS DRAMATURGIA.
MULTI SHOW
CANAL GLOBOSAT

Dois Perdidos numa Noite Suja

Nova montagem do texto de Plínio Marcos dirigida por Maria Esmeralda e Jaburu. No elenco, Francisco Neto e Nilvar Santos. **Teatro Gláucio Gil** (Praça cardeal Arcoverde, s/n, Copacabana). Fone: 547-7003. Terça e quarta, 21h. R$10. Até 29 de outubro.

E A Vida Continua

Peça espírita psicografada por Chico Xavier e adaptada por Cyrano Rosalém. Direção de Renato Prieto. No elenco, Cristina Prochaska e Renato Prieto. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 239-8545. Quinta e sexta, 18h30. Sábado, 19h. Domingo, 18h. R$15.

Mênon

De Platão, discute o poder dos homens públicos através da reflexão sobre a virtude, o conhecimento, a sabedoria e a justiça. Direção de Bruno Garcia. No elenco, Roseli Franco e Fernando Salis. **Teatro do Museu da República** (Rua do Catete, 153). Fone: 285-6350. Sextas e sábados, 20h. Domingos, 19h. R$ 10. Até 28 de novembro.

Nijinsky – Divino Bufão

Monólogo encenado por Luís Mello sobre o bailarino considerado um dos maiores mitos da dança contemporânea. O texto e a direção são de Rossela Terranova e Cláudia Schapira. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 267-1647. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$12 (qui., sex. e dom.) e R$15 (sáb.).

Nostradamus

A história do médico e astrólogo francês Michel de Notredame, que prevê o futuro e acaba perseguido pela Inquisição e rechaçado pela nobreza. Texto de Doc Comparato. Direção, Renato Borghi. No elenco, Cecil Thiré, Laura Cardoso, Tonico Pereira e mais 12 atores. **Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 808-2020. De quarta a domingo, 19h. R$ 10. Até 19/12.

O Avarento

A avareza e o amor são os temas centrais da peça de Molière, traduzida e dirigida por João Bethencourt e encenada por Jorge Dória e Ida Gomes. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro do Leblon** (Rua Conde de Bernadote, 26, Leblon). Fone: 294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

O Capote

Montagem inédita conta a história de um funcionário público que se veste com trapos e sonha ter um capote. De Nikolai Gogol. Direção e adaptação de Paulo Affonso de Lima. No elenco, Grupo Oráculo Cia. de Teatro. **Teatro Estação Beira-Mar Museu do Telephone** (Rua Dois de Dezembro, 63, Catete). Fone: 205-7876. De sexta a domingo, 19h. R$ 10. Até 22/12.

O Casamento

Às vésperas do casamento da filha predileta, Doutor Sabino recebe uma notícia surpreendente a respeito do futuro genro. Texto de Nelson Rodrigues e direção de Antônio Abujamra e João Fonseca. Com a Companhia Os Privilegiados. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 446, Copacabana). Fone: 275-6695. De quarta a sábado, 21h. R$10. Até 10 de outubro.

O Poder do Hábito

Diretor obcecado quer transformar artistas do picadeiro em músicos. Texto de Thomas Bernhardt, dirigido por Nehle Franke. No elenco, Sérgio Britto, Caco Monteiro, Hilton Cobra. **Teatro da UniverCidade** (Rua Humaitá, 275, Humaitá). Fone: 527-1497. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10(qui.) e R$15(sex., sáb. e dom.).

O Zelador

Um andarilho desalojado é levado para a casa do ex-interno de um hospício. Texto de Harold Pinter. Produção de Selton Mello e direção de Michel Bercovitch. No elenco, Selton Mello, Marcos de Oliveira e Leonardo Medeiros. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 557-5527. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15 (qui. e sex.) e R$ 20 (sáb. e dom.).

Os Cafajestes

Comédia de Aninha Franco que tripudia sobre as mulheres. Direção de Fernando Guerreiro. No elenco, Jorge Vassilatos, Fabio Iago e Oswaldo Mil. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9895. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Os Ignorantes

Comédia escrita, dirigida e encenada por Pedro Cardoso. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 540-6004. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.). Estréia 23 de outubro.

Pai, Qual é a Tua?

Conflito de gerações é o tema central da peça de Roberto Marconi e Ivar Santos, dirigida por Irving São Paulo. No elenco, Juliana Knust, Roberto Marconi, Serginho Hondjakoff. **Teatro Rubens Corrêa** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 523-9794. Terça e quarta, 20h30. R$13.

Pra Quem Gosta de Mim – Cabaré 3

Musical filosófico escrito e dirigido por Domingos de Oliveira. No elenco, Domingos de Oliveira, Priscila Rozenbaum, Gisele Fróes e Joana Ribeiro. **Teatro do**

TEATRO NO MULTISHOW. COMO DIRIA NELSON, ASSISTIR É O ÓBVIO ULULANTE.
MULT SHOW

EM CARTAZ

Planetário (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 239-5948. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$10 (sex.) e R$15 (sáb. e dom.).

Serviço de Quarto

Suspense cômico de Harold Pinter, dirigido por Gilberto Gawronski. No elenco, Mário Gomes e Luís Salém. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 267-7295. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Tartufo

A peça de Molière gira em torno dos abusos e artimanhas de Tartufo, um falso devoto, que ludibria Orgonte colocando-o em conflito com sua família. Direção de Walter Lima Torres. No elenco, Cecília Lage, Paulo Trajano, José Caetano. **Espaço III do Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 275-6695. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10 (qui. e sex.) e R$15 (sáb. e dom.).

Um Maridão na Contramão

Comédia sobre um motorista de táxi bígamo e suas trapalhadas. Peça de Ray Cooney. Direção de João Bethencourt. No elenco, Osmar Prado, André Valli, Gláucia Rodrigues, Vânia Penteado, Élcio Romar, Gláucio Gomes e Márcio Ricciardi. **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Barra Square). Fone: 325-1645. Quinta a sábado, 21h00. Domingo, 19h30. R$ 15 (qui.), R$ 20 (sex. e dom.) e R$ 25 (sáb.). Até dia 28 de novembro.

Um Passeio no Bosque

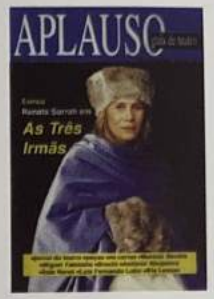
Um bosque em Genebra é o palco da discussão entre dois diplomatas, um russo e um americano. De Lee Blessing. Tradução de Barbara Heliodora. No elenco: Beto Bellini e Emílio Di Biasi, que também dirige o espetáculo. **Teatro do Sesi** (Av. Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 563-4163. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 21h. R$15 (qui. sex. e dom.) e R$ 20 (sábado).

Um Sopro no Ar

Ambientada nos anos 50, as aventuras, amores, desamores e dramas de uma família encenada em forma de musical. Texto e direção de Eric Nielsen. No elenco, Fábio Junqueira, Camila Caputti e Alice Reis. **Teatro Gláucio Gil** (Praça Cardeal Arcoverde, s/n, Copacabana). Fone: 547-7003. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10.

SÓ PARA QUEM TEM MULTISHOW. MULTI SHOW CANAL GLOBOSAT

Colecione, assine!!!

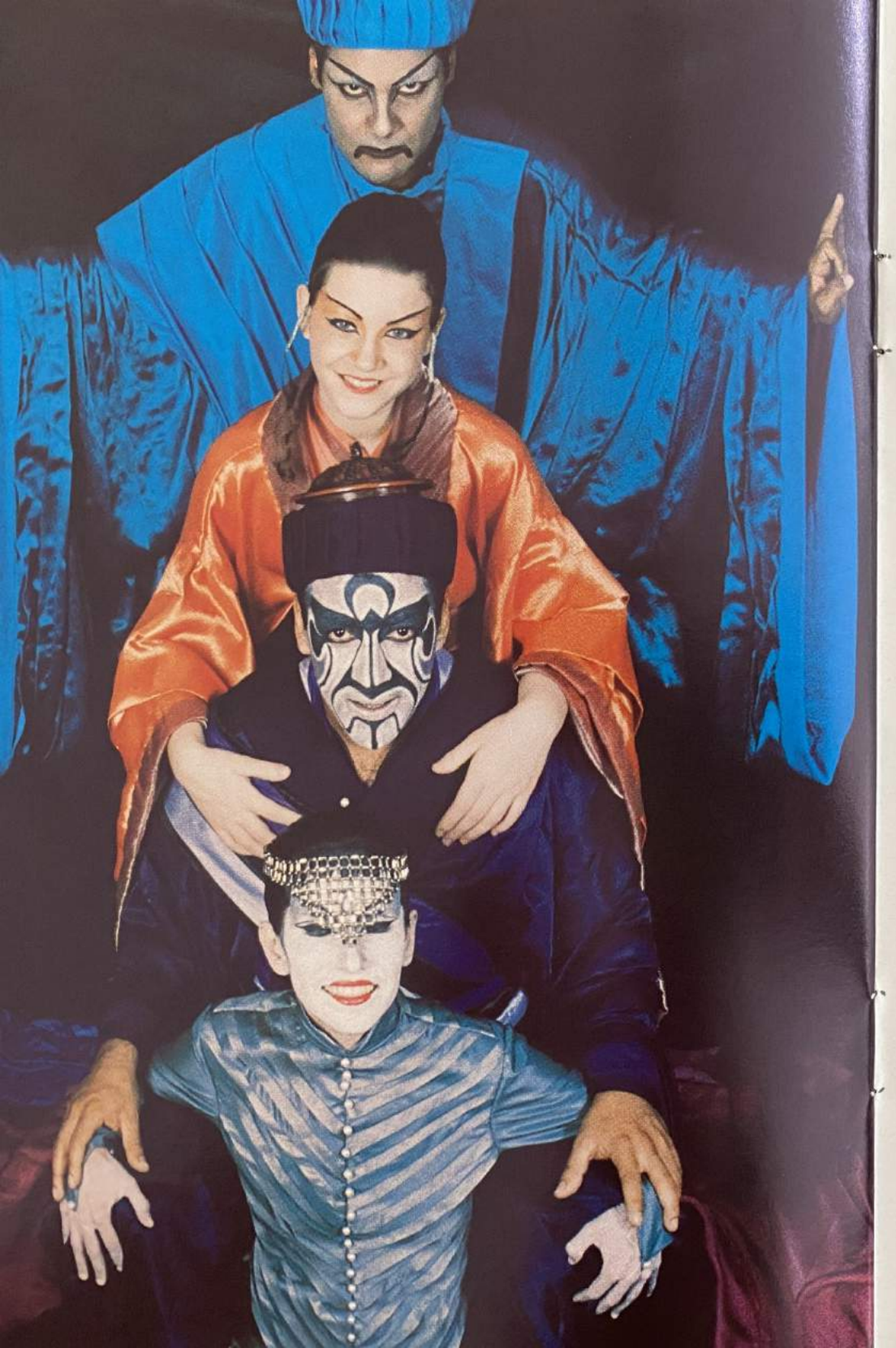


Assinatura semestral

Enviamos para todo Brasil

R$18

Maiores informações pelo tel.: (21) 511-5344 ou e-mail Aplauso@gbl.com.br



LUCIANA TORRES/MARCO PORTELA

O rouxinol

No Teatro do Sesc de Copacabana, a delicadeza e a ternura de um clássico infantil.

Por Maria Lúcia Rangel

João Gomes, diretor, cenógrafo e figurinista do musical infantil *O Rouxinol*, de Hans Christian Andersen, acha extremamente importante a retomada dos clássicos no final de milênio — é como se a delicadeza e o afeto estivessem no ar . É a mesma delicadeza que sentiu ao assistir ao filme de Wim Wenders *As Asas do Desejo*, que pensa em montar no teatro ano que vem.

A adaptação de *O Rouxinol* é do próprio diretor, que fez uma imensa pesquisa sobre as artes milenares orientais, entre elas o Feng Shui, utilizado para dar harmonia à localização das pessoas e dos objetos em cena. O origami, técnica usada para reproduzir os pássaros e dragões que compõem o cenário. E as sedas, com as quais vestiu os atores.

Também pesquisou na Internet, no consulado da China e recebeu de uma amiga, que mora no Japão, muito material. "Fiz uma junção das duas artes, chinesa e japonesa. Foi o que me fascinou na peça, pois sou apaixonado pelo Oriente", revela.

O Rouxinol conta a história de um mandarim que, ao saber da existência de um famoso rouxinol em suas terras, exige que o pássaro seja levado para o palácio imperial. O rouxinol, com seu canto magnífico, vai mudar a vida do mandarim e de sua corte.

"O pássaro traz o que estava adormecido no coração do rico mandarim: o amor, a troca, a doação", explica João. "Vivemos um momento de transição em que é preciso se falar da delicadeza. Os tempos estão tão difíceis que quero levar à criança uma história que não tenha violência e consumo. Sinto falta de um trabalho para crianças que faça com que elas pensem, reflitam."

O espetáculo, patrocinado pela Coca-Cola, tem 28 músicas e vinhetas compostas especialmente por Cláudio Suísso, que vão do universo étnico oriental ao pop, tocadas ao vivo pelo próprio compositor e mais três músicos. O palco do Teatro do Sesc foi escolhido por ser uma arena, onde o espectador acompanha o movimentos dos atores se se arrumando para entrar em cena.

No elenco, além de Paulo Pereira, do grupo de Amir Haddad , estão Cícero Raul, como o mandarim, Pina Jr., Simone Klein, Expedito Araujo e Jerusa Castelluci. E fazendo sua estréia profissional nos palcos, a jovem Gabriela Martins, do elenco da novela *Andando nas Nuvens*, da TV Globo. Se tudo der certo, João pretende manter o grupo unido para futuros espetáculos. ❖

NÃO PERCA

O espectador gostou, assistiu e indica.

Um Maridão na Contramão

"O espetáculo *Um Maridão na Contramão* é engraçado e imperdível. Não apenas por seu texto, que é excelente, mas porque tem um humorista de primeira, o André Valli, e um diretor sensacional, João Bethencourt. Com todo o elenco afinadíssimo, o espectador só tem que se divertir."

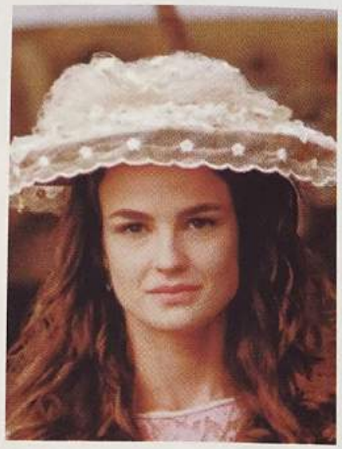
Sebastião Lemos, ator e diretor.

Nostradamus

"Em cartaz no teatro do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), a peça *Nostradamus* tem uma alquimia perfeita: a direção é do Renato Borghi, o protagonista é Cecil Thiré e temos no elenco a fantástica Laura Cardoso, para quem tiro o chapéu."

Maitê Proença, atriz.

O Poder do Hábito



"É um espetáculo que vale a pena ser visto não apenas por ser dirigido pela premiada Nehle Franke, mas porque tem no elenco Sérgio Britto e um ótimo grupo de atores. Conta a história de um diretor obcecado por transformar artistas de circo em músicos. Um trabalho muito legal."

Carolina Kasting, atriz.

O Zelador

"Um texto muito interessante e com boas interpretações. É um espetáculo que interessa às pessoas, porque fala das relações humanas em casos extremos, sobre o que acontece com o homem quando ele chega a seu limite. Vale a pena conferir."

Edney Giovenazzi, ator.

SPOT

Na estréia do filme Oriundi, de Ricardo Bravo...

Letícia Spiller e Ricardo Bravo.

Gabriela Duarte e Paulo Betti.

Durante o Festival de Cinema Rio 99...

Nelson Pereira dos Santos e Ivelise Ferreira.

Zelito Vianna, Ingra Liberato e Carlos Saura.

Andrucha Withaker e Fernanda Torres.

Franklin Thompson e Betty Faria.

Paulo José e Lima Duarte em *Os Fuzis da Senhora Carrar*, 1962.

O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

Ouça, sinta, toque, veja e fale para os outros.

Circuito Cultural Banco do Brasil.

O Circuito Cultural Banco do Brasil mistura arte com diversão, talento com emoção, cultura com solidariedade. Uma iniciativa que leva a arte a várias cidades do País, valorizando novos talentos e nomes consagrados da música, teatro, artes plásticas e outras atividades culturais. O Circuito Cultural Banco do Brasil promove também ações sociais e ajuda milhares de pessoas de diversas instituições do País. **Banco do Brasil. O banco que mais investe na cultura do Brasil.**

CIRCUITO CULTURAL

BANCO DO BRASIL

www.bancobrasil.com.br